

PIRIPKURA:

borboletas, ou vaga-lumes, que insistem em aparecer e desaparecer

por Ruben Caixeta de Queiroz (UFMG)

O fogo apagou. É preciso buscá-lo junto aos brancos (civilizados), já que não há mais outros índios por perto (a maioria já foi morta ou fugiu dali). Onde encontrá-lo e recebê-lo na forma de uma tocha e não de um disparo de arma letal, que custaria a vida de quem o procurasse?

Quem procura o fogo? Dois índios sobreviventes de um grupo chamado Piripkura, na fronteira dos atuais estados de Rondônia e Mato-Grosso. A quem procuram? Em quem encontrar amparo e proteção? Numa frente de proteção da Funai (denominada Madeirinha-Juruena), onde se encontra um sertanista e funcionário da Funai, Jair Candor. A última vez que estes dois índios perderam o fogo foi em 1998, segundo o sertanista. Nesta ocasião, foram socorridos pela Funai, e depois fugiram para o meio do mato, vivendo ali por quase 20 anos apenas com a tocha de fogo, um facão e um machado. Agora, em 2016, quando se passa a história presente do filme, os dois voltam à base da Funai para, mais uma vez, recuperar o fogo e, mais uma vez, se embrenharem no meio da mata que ainda "sobrevive".

A cada dois anos, o órgão indigenista tem que justificar a restrição de uso da terra, para a proteção dos índios, e não deixar que os brancos a ocupem e a destruam por meio do "fogo grande", da extração da madeira, da mineração, da conversão da floresta em pasto de gado.

Essa é a história do filme, construído numa narrativa muito simples, mas potente. São quatro personagens principais: os dois índios Pirikura (denominados Pakyí e Tamanduá), uma índia Piripkura (Rita) e o já citado sertanista da Funai, Jair Candor. A equipe de filmagem se desloca para a base da Funai e ali permanece, conversando com Rita e Jair, ou se deslocando com Jair e sua equipe para a coleta de vestígios (lugares de acampamento, de pesca e caça, trilhas e marcas na selva) que demonstrem a existência dos índios. No meio destas expedições

ou das esperas na base da Funai, sem fazer diretamente entrevistas, os documentaristas travam uma conversa com Jair e ouvem dele uma pedagogia do trabalho com os índios em "isolamento voluntário". Por meio deste percurso, o filme apresenta e defende também a filosofia do órgão indigenista para a proteção dos povos indígenas "isolados" e do meio ambiente no qual se inserem. É preciso respeitar a recusa deles por viverem com a nossa sociedade ou até mesmo com outros índios, proteger a floresta e os recursos necessários a sua sobrevivência. Sem estes índios, muito provavelmente aquela região de floresta já estaria toda destruída pela cobiça dos madeireiros, garimpeiros, criadores de gado, o que, aliás, já aconteceu com todo o entorno da terra interditada. Sem a Funai (e de seus servidores) talvez estes sobreviventes já não existissem mais. Até onde vão conseguir resistir? Até onde a Funai vai existir e ter condições de proteger a vida destes sobreviventes e da floresta? Esta é bem a pergunta do Jair, a pergunta do filme.

Piripkura, o filme, não tem a pretensão de contar toda a história do contato com esse grupo e não realiza qualquer performance para narrar o passado ou usa de um extenso material de arquivo, ao contrário de outros filmes que tratam do tema do genocídio e de massacre de povos indígenas, como é o caso de *Serras da Desordem* de Andrea Tonacci e de *Corumbiara* de Vincent Carelli. *Piripkura* é mais modesto, neste sentido, agarra no corpo e na voz dos seus personagens e deixa que eles falem, se mostrem. Nem por isso deixa de dar o contexto do que é narrado. Por meio de algumas inserções de cartela, o filme situa o espectador no tempo histórico. Por exemplo, já de início, assim é escrito: "1989, uma expedição liderada por Jair Candor descobriu numa pequena trilha na floresta, cercada pela expansão das fazendas, Pakyê e Tamanduá, os dois últimos sobreviventes do povo Piripkura. O sucesso dessa expedição foi principalmente devido à presença de Rita, a terceira sobrevivente conhecida desse povo. Depois de perder a maioria de sua família, Rita deixou a área e agora vive com Aripã Karipuna, com quem se casou [e têm dois filhos] no fim dos anos de 1990."

Rita é uma figura de destaque no filme. Ela é irmã e tia de um dos dois outros sobreviventes, dos quais já se apartou há muito tempo. Contudo, junto com Jair, Rita faz expedições de reconhecimento na floresta acerca da sobrevivência de seus parentes. Mas o filme não conta [e nem poderia contar] toda a história, talvez mais dramática do que possamos imaginar. Isso não é falado no filme, Rita foi resgatada por volta de 1984 pelos servidores da Funai de uma fazenda denominada Mudança, na qual fora mantida escrava e "prestava" serviços sexuais aos seus peões. Tudo isso depois de quase ver o seu povo exterminado: logo no começo da década de 1980, calculava-se cerca de 20 índios piripkura, quando a aldeia de Rita foi atacada por pistoleiros durante a noite, seu pai foi

decapitado, bem como vários outros parentes adultos e crianças, suas casas incendiadas. Rita conta essa história em português, numa grande dificuldade para pronunciar corretamente as palavras, na tentativa de nos fazer compreender, sejamos nós os indigenistas que ali trabalham e se deixam gravar para o filme ou para os jornalistas e espectadores de sua história agora no filme *Piripkura*.

Isso não é tudo. *Piripkura* não conta toda a história. Nem sei bem se está correta toda a história que aqui resgato a partir do filme e de algumas fontes de internet. Parece-me que em 1997 (mas essa data não bate com aquela de 1989 que aparece na cartela de início do filme), a Funai teria encontrado dois índios Piripkura (aparentemente os mesmos Pakyî e Tamanduá, que, ao longo do contato, foram chamados de diferentes nomes: Tititi, Curumim, Joveia, Tapeia, Tikum, Mand'e'i), que foram levados doentes para Ji-Paraná e, depois do tratamento, deixados de volta na área de ocupação tradicional (entre os rios Madeirinha, Branco e Roosevelt), quando desapareceram na mata.

Jair, é o que diz no filme, chegou para "pelejar" com os Piripkura em 1988, foi embora em 1992, e só regressou em 2007, quando novamente teria levado para tratamento em Ji-Paraná os dois sobreviventes: um deles (Pakyî) teria sido levado para a Casa de Saúde do Índio de Ji-Paraná, com diagnóstico de cálculo biliar. Depois de passar por uma cirurgia, Pakyî, na companhia de Tamanduá, foi levado de volta para a região de sua habitação tradicional. Lá, com suas tochas de fogo, facão e machado, novamente se embrenharam na mata. Foram reencontrados pela equipe de Jair em 2011, ali vivendo bem.

A presença deles na área é constantemente monitorada de longe pelos sertanistas, pois precisam, como já dito, obter as "provas" de que permanecem lá, a cada dois anos, para que a "restrição de uso" da terra que ocupam possa renovar-se perante à Justiça. Em 2016, Jair, Rita, o marido dela, e outros funcionários da Frente de Proteção Madeirinha-Juruena, Cleiton e Filipe, já os haviam procurado em pelo menos duas longas expedições. Encontraram "vestígios" de sua presença próxima, mas nada deles: eles "voam rapidinho", comenta Jair, "esses caras são ninjas", desaparecem! Dizem que Piripkura significa Borboleta. Mas, quando o fogo apaga, os dois Piripkura vão, eles mesmos, à base da Funai para procurá-lo! Encontram Jair e os outros indigenistas, se apresentam!

Neste momento, no local, a equipe do documentário está instalada, acompanhando as expedições da equipe de Jair, e registra momentos (movimentos e olhares), trocas de palavras e comidas e gestos desconcertantes dos índios Piripkura com a equipe médica, de filmagem e da própria frente de proteção. Já é quase final do filme, aos 47'50", quando chegam essas imagens. Elas nos causam grande impacto, pois, os cinegrafistas depois de acompanharem por longo tempo a equipe de Jair no meio do mato na busca pelos vestígios dos

"isolados", sem sucesso, são surpreendidos com a visita deles, na base. O câmera nem estava preparado para essa chegada, já que, podemos ver, ele sai em correria para o encontro dos dois quando Jair já travava com eles um diálogo muito amistoso. Em seguida, Jair tenta contatar uma equipe médica para chegar logo na base e fazer um levantamento da saúde dos visitantes, que, sabe-se, ficarão por ali por um tempo não muito longo. De forma surpreendente, permanecem por um tempo suficiente para a chegada de uma enfermeira (que os analisa e constata que estão bem de saúde) e para que sejam filmados. Estas cenas, de 2016, são mescladas, na montagem, com aquelas de 2011 (nas quais os dois índios são vistos no seu acampamento no interior da mata, e são filmados pela equipe de Jair, única cena na qual o filme se vale do uso de material de arquivo).

Como já disse, no meio destas estadias e encontros, o filme toma seu tempo para seguir e ouvir o pensamento de Seu Jair. Ele diz, para o filme, e se emociona na maioria das vezes, por exemplo:

"Quando cheguei em Rondônia em 1966, tudo que a gente via falar de índio era que eles eram bichos, índio era um animal e qualquer um podia pegar uma arma e entrar no mato e, se você encontrasse um índio, você podia matar o índio, não tinha problema nenhum, você estava matando um bicho, e não tinha cadeia, não tinha nada. Então tinha mateiro especializado que entrava nas aldeias, durante à noite, enquanto os índios dormiam, cortava a corda dos arcos, ou seja, desarmava os índios praticamente, e depois tocava fogo na maloca e ficava na porta esperando os índios saírem - e ali era 10, 15 ou 20 espingardas contra pessoas desarmadas, não sobrava ninguém. Então, quando vim para cá, eu ouvi e vi pessoal montando essa equipe para fazer esse tipo de ação. Então, eu praticamente cresci ouvindo isso... Até eu não sei como eu consegui mudar o meu conceito e hoje estou do lado do índio... Tudo que a gente ouvia falar era que o índio atrapalhava o desenvolvimento do país e que a regra era eliminá-lo."

"Quando cheguei aqui em 2007 [depois de ter saído em 1992] vi tudo isso de estrada, caminhão correndo dia e noite, eu falei, eles não estão vivos, não... O que eles passam aqui nestas estradas, tudo correndo, caminhão, picada para todo lado, cheio de picada, cheio de peões nestas matas com foice e machado, espingarda, esse caralho aí... porra! Esses caras [os dois índios Piripkura] são ninjas. Agora pergunto, até quando. Eu não sei. São leis que mudam, mudam uma hora dessa, sei lá, tomara que não, mas... a gente fica pensando todas essas possibilidades de uma hora dessas a Funai perder o pouco poder que tem, cair na mão errada, e aí já era!"

"Esses caras [os Piripkura] vivem sem precisar de nada, eles querem uma tocha de fogo, um facão e um machado, eles não querem mais nada. Eles precisam disso e da floresta em pé. É disso que eles precisam, de mais nada."

Falas tão potentes e premonitórias de Seu Jair! Ele soube compreender bem o papel da Funai (e o perigo para os índios desta instituição deixar de ter um poder, mínimo que seja), atacada de forma cotidiana e sorrateira pelos ruralistas. Seu Jair, um velho sertanista, compreendeu, talvez mais do que ninguém a nova política que a Funai passou a implementar a partir de 1987 para os índios isolados. Nesta ocasião, a Funai fez um movimento crítico de seu passado e das suas frentes de atração (a bem da verdade, muitas muito bem equipadas no passado pelo próprio Estado para tirar os índios do meio do caminho da colonização) que promoveram contatos desastrosos (com epidemias, deslocamentos forçados, rupturas radicais dos modos de vida) daquelas populações indígenas. Então, visto isso, indigenistas da Funai naquele ano deliberaram que, no lugar de promover contato, o órgão indigenista devia agir para garantir a proteção territorial e ambiental daqueles povos, e assegurar o seu direito de permanecer isolados voluntariamente.

No filme *Piripkura*, quando Pakyî e Tamanduá visitam a Funai na sua base de proteção – que se mantem, aliás, numa estrutura muito simples, com poucos servidores, se comparada às antigas frentes e expedições de contato da Funai –, Jair fala com um agente do Estado por meio de radiofonia:

- [voz no rádio]: Tem alguém que fala a língua deles aí?
- Jair: Rapaz, por incrível que pareça, muito pouco.
- Fala para a galera [funcionários da Funai] ficar de olho neles aí para eles não fugirem. Ok?
- Jair: Não, negativo. Essa não é nossa intenção. Também não podemos obrigar que eles fiquem aqui. Eu acho que a partir do momento que eles quiserem sair, é um direito deles, e a gente vai ter que respeitar isso, positivo?
- Ok!

Jair ainda sabia que a passagem dos Piripkura por ali tinha só uma razão, buscar fogo, não estavam doentes, e, em breve iam retornar para o mato, pois não tinham "um pingão de vontade de ficar ali" no meio dos brancos. É verdade que aqueles dois homens sobreviventes não podiam mais viver na floresta no meio de seus parentes, fazendo festa e cantando, mas falavam alto, carregavam seus tições de fogo como se fossem filhos, e se contentavam muito com o pouco de coisas que tinham. Não terão filhos, são dois homens. E seu povo continuará a existir por meio de Rita, que já não vive mais com eles, que se

casou com um Karipuna e que tem dois filhos. Mas, enquanto existirem [já que seu povo foi quase exterminado], é preciso garantir que existam do jeito que desejam, garantir a floresta na qual eles vivem e, talvez, com isso, sejamos nós, os brancos, que possamos viver um pouco mais, ou empurrar o fim do mundo um pouco mais pra frente.

Me lembro de uma cena desse outro filme com um "isolado", *Serras da desordem*, no qual um outro sertanista da Funai, Wellington Gomes, quando numa caminhada entre os Awá-Guajá (um grupo Tupi, tal qual os Piripkura, só que do Maranhão), para apressar o passo e chegar ao destino mais rápido, sugere apagar o tição que aqueles índios sempre carregam consigo. Wellington explica que, para manter acesso o fogo e garanti-lo nos acampamentos, os índios se demoravam muito, paravam e, então, lhe ocorreu de pedir ao intérprete que solicitasse a eles que apagassem o fogo, já que poderiam reacendê-lo quando precisassem usando uma "arma" dos brancos: uma caixa mágica, o isqueiro! A "ordem" de Wellington foi cumprida de imediato. Aquele gesto provocou no índio, segundo Wellington, um senso de impotência de seu artefato (e da sua cultura) frente à "superior" tecnologia dos brancos, um simples ato e artefato, que, uma vez disparado, parecia aos olhos do sertanista desencadear profundas mudanças nestas sociedades primitivas. Mas, eis o que nos demonstra ao contrário os dois Piripkura sobreviventes, eles só querem o seu tição acesso e voltar a viverem livres no meio da mata. Até quando?

O filme *Piripkura* tem um final feliz e livre (emocionante), quando seu Jair é chamado pelos seus dois "camaradas" a lhes seguir e acompanhar na vida no interior da mata. Seu Jair não vai, assim se despede e permanece ali vigilante na sua proteção distanciada: "Vai com Deus... que Deus proteja vocês... seus malandros. Esses caras são figuras. Tchau! Já vão discutindo o que vão fazer por aí. Eles conversam o tempo inteiro alto. Foram! Mais uma missão encerrada! Agora só esperar mais 20 anos para apagar o fogo e ver se eles voltam!"

Gostaria de terminar esse ensaio com a esperança desta pequena luz que atravessa a porta da escuridão (na qual vivemos hoje), com as palavras do senhor Jair. O *forumdoc.bh.2017* queria trazê-lo a Belo Horizonte para comentar a sessão de *Piripkura!* Vivendo na Amazônia, longe, sabíamos que sua vinda seria difícil, mas, para surpresa nossa, resolveu aceitar o convite, para em seguida recusar, pois teria sido convocado de última hora para mais uma expedição, desta feita no Vale do Javari, na tentativa de desvendar mais uma notícia de massacre dos índios isolados pela cobiça dos "civilizados". Sabemos que essa missão de lá, é mais importante do que aquela que teria cá. Que essa sua luta e resistência, a de Seu Jair, e de todos os povos indígenas, nos inspire para continuar sonhando que um outro mundo é possível, pois, "se há um mundo por vir", ele passa

necessariamente pelos índios e pelas suas luzes que continuam a piscar e que voltam a acender (como os tições dos Piripkura e dos Awá-Guajá). Como disse Eduardo Viveiros de Castro e Déborah Danowski (2014, p. 157):

Assim, quando comunidades camponesas "em vias de modernização" decidem *voltar a ser indígenas*, demonstrando em juízo sua continuidade histórica com povos nativos oficialmente extintos, como tantas povoações rurais vêm fazendo no Brasil desde a promulgação da Constituição de 1988 - a qual deu direitos coletivos de posse da terra aos índios e descendentes de escravos implantados no campo -, a reação escandalizada e furibunda das classes dominantes tem sido um espetáculo imperdível. Infelizmente, não dá para achar graça muito tempo de quem continua com o chicote na mão; a fúria, somada à cobiça, dos que necessitam da inexistência da alteridade, vem-se traduzindo em uma concertada ofensiva, por vias legais e ilegais, legislativas como criminosas, dos grandes proprietários rurais - e de seus sócios, e seus clientes, e seus patrões - contra os índios e demais povos tradicionais do país.

Ao ser afetado pelo tição (o fogo e a luz) dos Piripkura e de Seu Jair, penso que é preciso resistir com as imagens e com Didi-Huberman (2014, p. 86; 154): "A imagem se caracteriza por sua intermitência, sua fragilidade, seu intervalo de aparições, de desaparecimentos, de reaparições e de red desaparecimentos". Por meio do cinema, é preciso assumir "a liberdade do movimento, a retirada que não seja fechamento sobre si". É preciso nos tornar vaga-lumes e, dessa forma, "formar novamente uma comunidade de desejo, uma comunidade de lampejos emitidos, de danças, apesar de tudo, de pensamentos [e imagens] a transmitir. Dizer *sim* na noite atravessada de lampejos e não se contentar em descrever o *não* da luz que nos ofusca".

Referências

DANOWSKI, Déborah e Eduardo Viveiros de Castro. 2014. *Há um mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Florianópolis: Cultura e Barbárie/Instituto Socioambiental.

DEICKE, Nelson. Isolado Piripkura faz contato e é atendido em Ji-Paraná. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/c/noticias?id=50243>>. Acesso em: 30/10/2017.

DIDI-HUBERMAN, Georges. 2014. *Sobrevivências dos vaga-lumes*. Belo Horizonte: Editora da UFMG.

MILANEZ, Felipe. Genocídio na Selva. Disponível em: <https://www.vice.com/pt_br/article/ezgdwa/genocidio-na-selva-v2n5> . Acesso em: 30/10/2017.